

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

***Uma Vila... Dois Caminhos
O Rio e a Estrada***

BUENO FREIRE TEIXEIRA

***NATAL – RN
22 de novembro de 2007***

Uma Vila... Dois Caminhos ***O Rio e a Estrada***

**Monografia apresentada à
universidade Federal do Rio
Grande do Norte, no curso de
História, como trabalho final
de conclusão de curso.
Orientado pela Profa. Dra.
Maria Emília Monteiro Porto.**

NATAL-RN
22 de novembro de 2007

Uma Vila... Dois Caminhos O Rio e a Estrada

**Monografia apresentada à
universidade Federal do Rio
Grande do Norte, no curso de
História, como trabalho final
de conclusão de curso.
Orientado pela Profa. Dra.
Maria Emília Monteiro Porto.**

Aprovado em ___/___/___

**NATAL-RN
22 de novembro de 2007**

Agradecimentos:

Devo agradecer primeiramente aos meus pais, que desde antes da faculdade, e no decorrer de todo o curso me incentivou e me apoiou em todo o possível e impossível, bem como ao restante de minha família, que se complementa com meus irmãos e Josefa.

Agradeço também, com muito carinho a Glauce, minha fiel e amada companheira de todos os momentos, principalmente aqueles, nos quais, o apoio emocional e a confiança da parceria incondicional eram de grande valia.

Aos amigos, que compartilharam comigo as dores e as alegrias de se sempre amigo, me auxiliando subjetiva e objetivamente sugerindo melhorias com suas críticas e ensinamentos construtivos. Em especial aqueles que assim o fizeram diretamente como Rogério Alcoforado, Eutália Elizabeth, Evaristo Bezerra, Consolação Linhares, Bruna Rafaela, e muitos outros que compõem uma extensa lista.

A todos os professores que me proporcionaram boa parte de minha formação acadêmica com valiosíssimas contribuições técnicas e profissionais, sem contar a amizade e o respeito por eles dedicado a mim como aluno e como pessoa que sou. Com especial destaque para os docentes: Maria Emília M. Porto, Roberto Airon Silva e Milena Azevedo, amigos antes de mais nada.

Por fim, agradeço a todos os profissionais, das mais diversas áreas, que direta ou indiretamente proveram os recursos e as condições necessárias para que este trabalho se concretizasse e a todos os outros que agiram da mesma maneira.

Meu muito obrigado !

Sumário

Introdução.....	06
Capítulo I.....	12
Capítulo II.....	23
Anexos.....	32
Conclusão.....	39
Bibliografia.....	40

*“A sabedoria que existe nas coisas comuns e familiares pode emergir
De repente aos olhos de quem contempla o mundo com o espírito vazio.
Basta ver a água, que toma a forma exata do recipiente onde está
E se espalha quando libertada.
Ela não se opõe, mas envolve, e não tem dúvida entre dois caminhos
Porque segue o que lhe é mais natural.
O rio, a poça, o lago, a água que corre em nossa pele quando nos lavamos
- Falam de coisas que seria bom aprender.”*

(LISBOA, Luís Carlos. p. 24)

Introdução:

Uma Vila... Dois Caminhos: o Rio e a Estrada

Quantas vezes, no tempo, o rio encheu-se, e, quantas outras vazou?

O rio não tem consciência de si mesmo, no ermo de existir que é ser corrente.

O rio-em-si não é bom, nem mau. É rio.

E sendo rio inunda e seca, pois, inundar e secar. É o ser do rio

E sua incons/ciência de si mesmo...

- Se o rio nada sabe de si mesmo, quem saberá do rio e de seus homens?

(GREGÓRIO, Francisco Filho. **Crônica de Domingo**; IN: Jornal Opinião; 09 de outubro de 2005.)

A ribeira¹ do Curimataú, principalmente na sua porção mais oriental, aparece na história e na historiografia do Rio Grande do Norte como palco de inúmeros acontecimentos concernentes ao passado desse estado, haja vista, que sua ocupação é bastante recuada no tempo, remontando aos primeiros tempos da colonização do RN. (p/ extenso).

Exemplo disso é a fundação do Engenho Cunhaú nessa região, que ao longo do tempo, se mostrou como um espaço de grande relevância histórica quanto aos acontecimentos pretéritos transcorridos nele ou na região que o circunda (ver mapa 01).

“O vale do Curimatú se destaca em uma das terras de maior importância na no povoamento primeira concessão de terras – Engenho Cunhaú - por ser este vale a primeira

¹ Nesse estudo em particular, entende-se por “ribeira” a região banhada ou geograficamente influenciada por um determinado rio, o mesmo que Bacias Hidrográficas (ver mapa 02 e 03).

parada dos caminhantes e expedições que transpunham a fronteira sul do Rio Grande.”²

Portanto, não tenho aqui nesse trabalho monográfico, a pretensão de desenvolver uma história total, mas sim parcial, do trecho da ribeira do Curimataú circunscrito à antiga vila de Cuitezeiras. Deter-me-ei apenas na reconstrução de parte do passado do que hoje é o município de Pedro Velho - RN.

Esse município, que por sua vez é banhado pelas águas do rio Curimataú, conseqüentemente fazendo parte da ribeira, tem além de tudo, suas origens como espaço geográfico definido, ligadas às terras do Engenho Cunhaú, sendo nessas terras fundado um núcleo de ocupação, que mais tarde se tornaria a vila de Cuitezeiras.

Nas palavras do próprio Luís da Câmara Cascudo, ele nos dá⁴ de maneira geral, um excelente indicativo a respeito dos primórdios da vila e de sua configuração espacial.

“(…) Pertencia a Canguaretama. Durante a terceira década do Séc. XIX, Cláudio José da Piedade adquiriu o Sítio Cuitezeiras à margem do Rio Curimataú, na orla da estrada realenga para o sul. (...) Era pouso quase obrigatório no caminho, descendo e subindo os comboios de animais carregados de algodão, açúcar, farinha, abastecendo-se, dormindo, arranchando-se à sombra das cuitezeiras, comprando nas vendas que se multiplicavam. (...)”³

² DANTAS, Manoel. **Denominação dos Municípios**. Coleção Mossoroense, série B; nº. 607. 1989. p. 16.

Assim, pode-se depreender que a partir de uma paragem⁴, localizada em meio a um rio e uma estrada importante, constituindo-se dessa maneira um entroncamento natural entre duas vias de circulação, se configura uma vila onde antes era apenas um sítio.

Apesar de toda relevância histórica, a região da ribeira do Curimataú, principalmente em sua porção circunscrita às terras ao município de Pedro Velho, tem sido citada na historiografia norte-riograndense de maneira bastante pontual e específica.

Essa historiografia restringiu-se em maior parte aos acontecimentos de ordem política, quando muito de ordem econômica, ainda que uma ordem econômica também restrita, na medida em que homogeniza-se em um único e grande ciclo econômico, o da cana de açúcar, o qual se faz presente naquela região geográfica do RN.

Na verdade, o espaço em destaque na historiografia compreendeu justamente as terras do Engenho Cunhaú pertencente à família dos Albuquerque Maranhão, uma identidade familiar exaustivamente conhecida e estudada nas pesquisas históricas regionais. Talvez por isso, outros aspectos que por ventura pudessem ser explorados historicamente e quiçá, arqueologicamente, tenham sido relegados a um segundo plano ou mesmo deixados ao esquecimento.

É nesse sentido, que a partir da elaboração de um trabalho monográfico de pesquisa, pretendo tratar historicamente uma parte do passado ambiental e material

³ CASCUDO, Luís da Câmara. *NOMES DA TERRA: História, Geografia e Toponímia do Rio Grande Do Norte*. p.322.

⁴ Ponto de encontro de pessoas e de mercadorias, situado normalmente à margem de uma estrada, de um rio ou na costa.

relacionado à dinâmica ocupacional da vila de Cuitezeiras. Pesquisa esta, que se insere em um recorte historiográfico que trabalha a temática das estradas, via de circulação e caminhos antigos, bem como as temáticas relativas ao espaço natural/humano.

Tendo ^o essa primeira temática, na maioria das vezes, ^{tem} dedicado um espaço relativamente muito grande, em seus escritos, aos estudos das trajetórias e dos cursos hidrográficos, deixando à margem os terrestres.

No que se refere ao espaço natural, aconteceu algo parecido. ^F Foi priorizada muito mais a descrição pura e simples do meio ambiente (espaço natural) que uma associação de espaço com o homem, em sua relação de reciprocidade (espaço natural/humano).

Por sua vez, vou me valer, na leitura dos registros históricos/arqueológicos, de um modelo de história ambiental, a qual se divide basicamente em duas grandes correntes principais. A primeira delas consiste em um modelo de História Ambiental calcado na visão que os agentes históricos, nesse caso, o elemento humano têm a respeito da natureza, ou seja, na maneira como os homens percebem, identificam e conceituam o seu meio ambiente. Percebendo-a muitas vezes, com certo distanciamento de si mesmos e com isso, tratando-a de maneira muito mais simbólica e até mística.

A outra corrente, a que me pré-disponho a seguir, encaminha-se por um lado muito mais real, concreto e material, no qual o homem não só faz parte da natureza, como também está presente nela.

O homem é um dos seus principais agentes naturais, seja na simples ocupação do espaço ou na sua transformação, já que se vale dos recursos naturais em sua dinâmica produtiva.

Desse modo, busco entender a permanência e as transformações provocadas pelo elemento humano em um determinado espaço, bem como a interação recíproca, gradual e incessante que se dá entre esses dois fatores presentes em uma faixa diacrônica de tempo.

Bem como, à luz de um pensamento arqueológico norteado principalmente pelo modelo da arqueologia processual, o qual tem por pressuposto decodificar e compreender as ações humanas, a partir da sua produção material, em suas iniciativas de tentar maximizar os recursos naturais encontrados no meio em que vivem.

Por esta perspectiva, os indivíduos sempre buscam colher o maior proveito possível, e assim, pode-se identificar os vestígios materiais (arqueológicos) coexistentes e ao mesmo tempo, fruto dessa relação entre o homem e o espaço.

É desse modo, que tenho por objetivo principal, responder e preencher o maior número de possível de vacâncias existentes na historiografia local a respeito dessa temática dos caminhos e do espaço natural/humano relacionados ao município de Pedro Velho, ajudando inclusive a complementar as informações, os estudos e as pesquisas de ordem arqueológica/arqueográfica.

Esta pesquisa, no entanto, tem como enfoque principal o período de tempo que compreende cerca de cinco décadas do século XIX (1830- 1890), ou seja, um recorte cronológico que vai desde a aquisição do sítio Cuitezeiras por Cláudio José da Piedade até o período imediatamente anterior à oficialização da Vila de Cuitezeiras em 10 de maio de 1890.

Portanto, não vou me limitar restritamente a esse período de tempo, até mesmo por que, existem considerações históricas preponderantes para

compreensão contextualizada desse estudo, as quais transcendem o recorte cronológico definido.

Assim, pretendo responder a uma questão principal: Qual a relação existente entre a comunidade humana que ali se estabelece, o rio Curimataú e a estrada, ou "Caminho das Cuitezeiras", durante a configuração da vila de Cuitezeiras?

Este problema também é perpassado por outras questões de fundamental importância, que são: Quais as condições ambientais do espaço ocupado pela vila? Qual a configuração do caminho no espaço natural? Qual a sua relação quanto à materialidade da vila de Cuitezeiras (existência material da vila)? Quais as dinâmicas ocupacionais e produtivas que se estabeleceram em função do rio, do caminho e do próprio espaço?

Na verdade, essas questões colocadas anteriormente serão desenvolvidas em dois capítulos posteriores, nos quais eu vou concentrar no primeiro capítulo à argumentação relacionada aos aspectos ambientais e dos caminhos naturais bem como os historicamente construídos no meio ambiente.

No segundo, aos aspectos históricos da produção econômica/material e também a relação entre esses aspectos e os desdobramentos por eles produzidos na interação recíproca e constante com os espaços.

Para desvendar essa problemática, vou me valer prioritariamente da bibliografia histórica local, regional, e nacional que trataram das estradas, vias de circulação [de pessoas e produtos] e dos caminhos antigos, bem como do espaço natural.

Da documentação escrita pelos cronistas e viajantes do século XIX, e da cartografia antiga e recente (mapas locais e regionais); e por fim, da própria cultura material remanescente e que ainda existe no sítio histórico da antiga vila.

Capítulo I

Terras do Agreste... Homem, Gado e Algodão

*"O dia nasce grunindo pelos bicos dos urumairás... dos azulões... da asa branca... (...)
E o coên! coên! do dia novo vai subindo nas asas peneirantes dos caracará...
(...)
Nas carreiras das cotias... no zum-zum de asas dos besouros das abelhas.. (...)
E vai mudando a primeira passada pelos campos todo forrado de capim panasco."
(Manhecença. Música de Geraldo Carvalho e J. Medeiros sobre poema de Jorge Fernandes.).*

A antiga Vila de Cuitezeiras anuncia até mesmo em sua toponímia a intrínseca ligação com o meio ambiente na qual se origina, trazendo no seu próprio nome uma característica da flora local, rica em uma espécie vegetal conhecida mais comumente por cuité ou cuitezeiras (*Crescentia cujete*) que afluía em abundância por toda localidade, "fazendo sombra e proporcionando rancho aos moradores e aos que por ali passavam" ⁵.

Logo, a relação da vila com seu meio ambiente, não se limitava a uma mera caracterização toponímica. Em toda sua trajetória histórica de configuração espacial, a antiga Vila de Cuitezeiras, encrustou-se em uma parcela do território norte-riograndense que foi definida por muito tempo, segundo os recursos naturais encontrados e pelo ciclo econômico que ali se estabeleceu (usufruindo desses recursos), como sendo "a tradicional região da Zona da Mata, a qual concentra, em síntese, as características naturais e geográficas simultaneamente" ⁶.

⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: História, Geografia, e Toponímia do Rio Grande do Norte.** 1968. p. 232.

⁶ ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem do Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.** p. 38.

Contudo, essa terminologia largamente utilizada na historiografia, e na geografia, ~~mesmo apresentando~~^{ou} muitas generalizações que não levaram em conta todos os particularismos ecológicos e geográficos que estão presentes em toda extensão da Zona da Mata, nas suas mais diversas formas, sendo quase sempre desconsiderados, bem como os desdobramentos provenientes desses particularismos.

Mais recentemente, seguindo a classificação em mesorregiões e microrregiões geográficas do território norte-riograndense proposta pelo IBGE⁷, a vila se encontra contida na mesorregião do Leste potiguar e na microrregião do Litoral Sul respectivamente. No entanto, em nível de Nordeste, as duas subdivisões de ordem estadual e local, retomam à já mencionada divisão em Zona da Mata.

No caso desse estudo em particular, tal identificação/generalização não me parece apropriada, pois como mencionei anteriormente, a ligação dessa definição regional geográfica com o processo histórico, com ciclo econômico e também com o tipo de ecossistema⁸ (a Mata Atlântica), sempre foi muito forte.

Podendo inclusive, induzir ao erro de ^{se} considerar os espaços naturais/humanos de maneira homogeneizada em um ecossistema de Mata Atlântica, Cana-de-açúcar e Colonizador, para não dizer “Casa-Grande; Engenho e Capela”⁹, o que se mostra parcialmente condizente com as condições locais específicas.

⁷ O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divide atualmente o Rio grande do Norte em quatro grandes mesorreegiões e em outras vinte microrregiões. In: **Atlas Histórico do Rio Grande do Norte**. Fasc. 10;

⁸ É o sistema de relações entre os elementos da natureza, como clima, solos, plantas, e animais (incluindo o homem), em que cada um é essencial na formação de uma espécie de vida coletiva que torna possível sua auto-reprodução. In: **Atlas Histórica do Rio Grande do Norte**. O Rio Grande do Norte antes do primeiro mapa. Fasc. 02. 2006. p. 31.

⁹ FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil.p. 59

Analisando e comparando os mapas em anexo (ver mapa 04 e 05), pode-se visualizar com mais clareza de que maneira a definição regional geográfica se mostra incongruente em relação ^{com} outras definições regionais, como a climática, por exemplo.

Nota-se no “mapa 04” a mesorregião do Leste Potiguar, onde se localiza o atual município de Pedro Velho, e onde se encontrava a antiga Vila de Cuitezeiras, mostrada de forma homogeneizada na gradação de cores da legenda, enquanto no “mapa 05” aparece com pelo menos duas gradações de cores diferentes, evidenciando os particularismos climáticos, haja vista, que o clima é um fator preponderante na definição de um ecossistema, conseqüentemente, dos espaços, sejam eles naturais ou humanos. Por isso, se permite nesse caso específico, a comparação entre dois mapas de demonstrações distintas.

A partir dessas considerações, torna-se muito mais apropriado considerar o ecossistema da Vila de Cuitezeiras como sendo parte da região Agreste¹⁰ do estado, já que, além da proximidade geográfica (ver mapa 04), a região Agreste é definida como uma área de transição, ou seja, é uma região colocada entre a proximidade extrema com o oceano (a Mata) e seu afastamento absoluto (o Sertão).

Com efeito, essa definição de “área de transição” não elimina por completo as generalizações. Ao contrário, nos oferece uma definição incompleta e tão pouco definitiva, ela também apresenta certas disparidades e contrastes macro e microrregionais. Portanto, oferece maior flexibilidade na percepção do meio natural no qual a vila se inseriu e construiu seu núcleo de ocupação urbana, materialmente fixado no ambiente.

¹⁰ ANDRRADE, op. cit. p. 43.

O Agreste nordestino é, portanto, uma somatória de diversidades e variáveis microrregionais que se agrupam em uma única região influenciada diretamente pelos ventos alísios e intrinsecamente ligada ao Planalto da Borborema, que aparece como relevo chave da paisagem. Este altiplano funciona como um autêntico “divisor de águas” da região, o qual forma uma barreira natural que impede a passagem da umidade proveniente do Oceano Atlântico (trazida pelos ventos alísios), os quais fazem precipitar sobre a região agrestina, apenas o restante da umidade que não se precipitou na “Mata”.

Esse impedimento é causado principalmente pelas altitudes relativamente elevadas para a região, pois se trata de uma formação geológica composta de maciços basálticos residuais bastante antigos, que formam os “Contrafortes da Borborema” justamente no lado oriental do altiplano, (no lado oeste se apresenta o Sertão), sendo assim, ocupa boa parte do território agrestino, que também avança para o topo do planalto, para sul e para o nordeste desse maciço, onde alcança o Rio Grande do Norte.

Dessa maneira, o espaço ocupado pelo atual município de Pedro Velho, a antiga Vila Nova de Cuitezeiras e antes ainda, a Vila de Cuitezeiras, apesar de se colocarem oficialmente na região do “Leste Potiguar”, gradativamente se distancia dessa identificação, à medida que o território do município, que já está na fronteira entre Agreste e Litoral, se estende para oeste buscando a Borborema. Como consequência inevitável surge a variação das condições geoclimáticas, ambientais e históricas da localidade em relação a sua posição e identificação geográfica oficial.

Por sua vez, motivado pelos condicionantes naturais e humanos, a região Agreste de modo geral, inclusive no parte do Rio Grande do Norte, surge como um espaço de ocupação tardia (em relação ao Litoral) e circunscrita inicialmente à

pecuária, que começava a aparecer como alternativa econômica para os senhores de Engenho logo após os conflitos conhecidos como “Guerras Brasileiras” e a “Guerra dos Bárbaros”.

Esses episódios conflituosos, que findaram definitivamente por volta da segunda metade do século XVIII, na capitania do Rio Grande, obrigam os homens a se afastarem da estreita faixa litorânea realmente propícia para o cultivo da cana-de-açúcar, fazendo com que desbravem novas terras, o chamado Sertão, e pelas novas áreas desbravadas se estabeleçam, principalmente na forma de fazendas de criação [de gado].

Sobre a pecuária agrestina, o viajante inglês (que também chegou a Senhor de Engenho em Pernambuco) nas suas incursões pelo Nordeste brasileiro, e de passagem por terras do Engenho Cunhaú, notifica sua percepção da situação em que se encontrava a atividade da pecuária em seu tempo, início do século XIX, deixando o seguinte registro:

“(...) Chegamos a Cunhaú, o engenho do coronel André d’ Albuquerque Maranhão (...). É um homem de imensas propriedades territoriais. As plantações de Cunhaú ocupam catorze léguas ao longo da estrada. Do mesmo modo, as terras que ele possui no Sertão, para pastagem do gado, supõem não inferior de 30-40 léguas, desta que é preciso andar-se três a quatro horas para vencer uma.”¹¹

¹¹ KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. V.1. p. 109-110.

Um pouco mais adiante, em seus registros, Koster escreve novamente a respeito das terras e do gado de Cunhaú, dizendo:

“(...) Cunhaú é extensíssimo (...). Possui cerca de 150 escravos, mas as terras podiam ocupar quatro ou cinco vezes esse, mas o coronel dá maior atenção ao gado, com o qual seu pai ampliou a fortuna.”¹²

Sendo naturalmente incompatíveis, a cana e a pecuária extensiva (predatória à cana), deixa os homens e seu gado (bovino, eqüino, mular, e etc.) com a necessidade de buscarem alternativas para essa incompatibilidade, encontrando nas terras contíguas a do litoral (o atual Agreste) o espaço propício à criação.

O Agreste dos criadores de gado, não só encontrava o distanciamento da cana-de-açúcar, como também vastas extensões de terras, cortadas por grandes rios, a maioria intermitente, como o Curimataú, que exceto em seu período de cheia em que o rio transborda, alagando longas faixas do vale, forma inúmeros trechos de várzeas férteis em suas margens.

Esse trecho, ricos em pastagens, alimentava o gado e proporcionava terras férteis cultiváveis, oriundas das grandes cheias regulares dos períodos chuvosos (concentrados de março a junho), que produzia uma infinita gama de gêneros alimentícios tal qual o feijão, milho, mandioca, batata, cana-de-açúcar, entre outros.

Esses produtos alimentavam não só o fazendeiro e seu(s) vaqueiro(s), como mais tarde, vão alimentar toda a Zona da Mata com produtos “in natura” ou

¹² Idem, *ibid.*, p. 113.

processados, tipo a farinha de mandioca e a carne seca, melaço, rapadura e aguardente.

Existia também a possibilidade da pesca, e da própria água para consumo humano, animal e das pequenas plantações cultivadas em torno das moradas, que serviam para alimentação do dia-a-dia, a exemplo das ervas e hortaliças.

Os benefícios da fixação humana próxima aos grandes rios agrestinos ou mesmo dos seus afluentes, se estende em grande medida quando considerado o usufruto que os indivíduos e os núcleos ocupacionais, que os quais estabelecem, fazem dos recursos vegetais, animais e minerais, ou seja, do meio ambiente formado em função principalmente da presença de um curso de água, seja ele qual for ou que proporção tenha.

“Seguindo a trajetória da água, se forma uma vegetação ciliar bem mais rica e densa que a do “Sertão”, repleta de espécies nobres que também crescem na zona litorânea como o “a baraúna, o pau-d’ arco, o angelim, a sucupira, o amarelo, o visgueiro, o angico, o pau-ferro.”¹³, as quais oferece um maior número recursos utilizáveis pelo homem nos mais diversos fins, desde a lenha para queima, fabricação de mobiliário e até uso medicinal. \ ? nota/net.

Paralelo à flora, pode-se encontrar uma fauna igualmente rica, contando com uma infinidade de espécies muito utilizada para a alimentação que variava desde

¹³ FREYRE, Gilberto. Op. cit.p. 79-80.

mamíferos (capivara, cotia, e tatu) aves (frango d' água, marreco, jacu) e peixes (curimatã, tucunaré, traira), répteis e anfíbios (jaboti, tijuaçu, jacaré).

Tendo em vista a escassez de carne para consumo, a caça, que muitas vezes poderia ser feita no próprio quintal era muito bem vinda.

Por fim, temos os recursos minerais, com destaque para a argila, muito comum em terrenos sob a influência fluvial, a qual poderia ser utilizada na construção [de casas, engenhos e capelas e etc.] civil ou militar [fortificações, fortins, paliçadas e etc.] e na confecção de objetos cerâmicos de uso cotidiano, como por exemplo: potes, pratos, panelas, bacias, cachimbos, jarras entre outras coisas.

A proximidade do rio também trazia sérios inconvenientes e perigos, tanto para os homens que ali viviam como para os bichos, a regularidade de chuvas em um período relativamente curto, se comparado com o resto do ano, causavam cheias fortíssimas, que obrigava a rápidas mudanças no ritmo de vida.

As populações deixavam tudo para traz e se refugiavam em lugares mais altos até que a força das águas cessasse por inteiro ou o nível das águas baixasse, isso quando dava tempo. Quando não, prejuízos e danos, incluindo morte de pessoas, animais e perda total dos "roçados" ¹⁴ não eram raros. ✎

O contrário acontecia quando a estação chuvosa era irregular ou quando não havia chuvas, por longos períodos, fazendo as criações e os colonos buscarem a água nos "(...) açudes, barreiros, tanques e cacimbas (...) " ¹⁵ que foram escavados quando ainda restava água escondida no subsolo, ou que foram captadas no período chuvoso.

¹⁴ Tipo de pequeno cultivo agrícola, associado na maioria das vezes à policultura de subsistência.

¹⁵ ANDRÉADE, op. cit. p 48.

Quando isso acontecia, gerava tantos infortuitos quanto às grandes enchentes, da mesma forma, levavam a forçosas mudanças no ritmo de subsistência e permanência no espaço, obrigando as pessoas, e com elas o gado, a emigrarem temporariamente para outras regiões onde pudessem encontrar refúgio da seca prolongada.

Além disso, a proximidade com o rio oferece a importante vantagem de estar próximo a uma via de comunicação/transporte, mesmo no período seco, pois os rios são vias naturais na paisagem que podem ser seguidas como verdadeiras estradas rumo ao “Sertão” e do Sertão para o Litoral, ou seja, sentido Leste-Oeste.

E se os rios são “os caminhos naturais” que levam os homens e seu sistema produtivo a desbravarem o interior do território, por conseguinte, as “ribeiras” com suas fazendas e vilas que iam se configurando em toda sua extensão, tornam-se lugares de relevância econômica e ocupacional.

Compreende-se assim, que o papel de interligar os vales e seus núcleos ocupacionais, com outras áreas do território, coube às vias de comunicação e transporte terrestres, tal qual a “Estrada das Cuitezeiras” fez com a vila de mesmo nome que se estabelece em sua margem e a do rio Curiamataú (ver mapa 06).

Na dialética histórica e geográfica estabelecida entre esses dois tipos de caminho, pode-se considerar o seguinte tipo de interação entre eles, ilustrada pela citação que se segue:

“As estradas formadas por aqueles que conduziam as boiadas de um lado para outro do país, foram os caminhos utilizados para a defesa contra os holandeses. Nelas fixaram-se vilas aldeias e vilas por todo o “NE” brasileiro; mas os vales

são os caminhos preferidos, podendo-se dizer que os caminhos nordestinos são, em geral, a sua hidrografia.”¹⁶

Dessa maneira, os caminhos terrestres, apesar de aparecerem na historiografia ofuscada pelos caminhos fluviais, justificam sua importância, na medida em que se configuraram no espaço seguindo o sentido Norte-Sul, formando uma verdadeira “trama” com os caminhos fluviais, urdindo-os à cadeia sistemática de produção e ocupação do espaço que se fazia em fins do século XVIII e princípio do XIX.

Por sua vez, foi durante esse recorte cronológico especificado a cima, que o espaço agreste até então fortemente pecuarista, torna-se palco de um surto agrícola bastante significativo que foi a cultura do algodão.

A cotonicultura^useus desdobramentos, principalmente aqueles relativos aos processos e estruturas históricas, espaciais, ambientais, econômicas e materiais, levaram toda região, e conseqüentemente a parcela norte-riograndense, incluindo a de Cuitezeiras, a transformações significativas, provocando uma “verdadeira revolução agrária”¹⁷.

A cultura algodoeira, que se mostrava extremamente rentável [em relação ao gado ou pelo menos tanto quanto ele] e de fácil manejo, naquele momento não aparecia como uma novidade. O algodão já era conhecido e cultivado pelos indígenas e colonos, em sua variedade nativa, desde muito tempo.

¹⁶ CALMOM, Pedro. **História da civilização Brasileira**. p. 59-60.

¹⁷ ANDRÉADE, op. cit. p. 157.

“O algodão, como sabemos, era nativo na capitania do Rio Grande, já conhecido e utilizado por indígenas quando os colonizadores europeus aqui chegaram.”¹⁸

Contudo, a variedade nativa [arbóreo], não apresentava qualidades comerciais satisfatória, apesar de ser bastante rústica, resistindo com facilidade a pragas e interperismos climáticos. Mesmo assim foi amplamente cultivado, até o aparecimento da outra variedade [herbácea].

A nova variedade de algodão [herbáceo] e de fibra mais longa proveniente dos Estados Unidos, só veio alavanca⁷ ainda mais a produção algodoeira por todo Nordeste.

Portanto, a partir do que foi exposto até então, pode-se compreender o espaço no qual se configurou a antiga vila de Cuitezeiras, como um lugar de imensas variáveis mesológicas, apresentada na relação ecológica entre o meio ambiente natural (condições geográficas, fauna, flora e recursos minerais) e homem (nativo indígena, escravo africano e colono europeu).

Tudo isso contido em uma sistemática política Lusitana de ocupar e produzir na América Portuguesa, em especial no Nordeste do Brasil de hoje, produziu historicamente uma “cultura material”¹⁹ no espaço geográfico, natural e humano da localidade. Principalmente em áreas nas quais foram materializadas ocupações urbanas, tais como: vilas, freguesias e cidades.

¹⁸ MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. p. 128.

¹⁹ Conjunto de fazeres humanos, abrangendo artefatos e outras práticas de natureza física (cuidados com o corpo, instrumentos de trabalho, ambientes, alimentação, e etc.). In: **Atlas Histórico do Rio Grande do Norte**. A importância do Rio Grande do Norte para os portugueses. Fasc. 03. 2006. p. 31.

Capítulo II

Entre Dois Caminhos... Uma Vila de Pedra e Cal

*“Diante das águas que passam e silêncio por mim,
Levando folhas e ramos, dando voltas e fazendo desenhos em sua superfície,
Descubro que estou vendo um rio pela primeira vez na vida.*

*O que já conhecia era alguma coisa que se aprende nos livros,
Que tem um nome do qual se fala com respeito ou indiferença,
(...)*

*O que descubro agora é um milagre sem nome, uma estrada viva e amorosa
Onde descanso meus olhos e banho meu coração.”
(LISBOA, Luís Carlos. **O som do silêncio.** 34)*

Quando a colonização na América Portuguesa transbordou para além do litoral e inundou as terras do Agreste Nordestino, ocupando definitivamente o território conquistado [dos povos nativos], implantando suas atividades produtivas, foi preciso organizar e sistematizar o espaço conquistado.

“A região que mais foi povoada e trabalhada pelo holandês foi o Agreste, terras nas quais existiam rios torrenciais e por onde passavam os comboios de produtos para o Recife e que tinha portos como o da embocadura da barra do Curimataú.”²⁰

²⁰ ROSADO, Vingt-um. **Os Holandeses nas salinas do Rio Mossoró.** Coleção Mossoroense.v . CCCXXXIII; 1989. p. 06.

Este tipo de organização se dava, inicialmente, configurando áreas rurais, na forma de pastagens, plantações, sítios e fazendas; posteriormente, muitas dessas áreas produziram seus próprios centros urbanos.

Vilas, freguesias e cidades, foram se espalhando por todos os lados, tendo em vista o desempenho específico de cada área, na lógica colonial necessariamente produtiva (ver mapa 07).

No decorrer do processo histórico de configuração da vila de Cuitezeiras, em função de sua localização geográfica privilegiada, esse modelo de configuração transcorreu da mesma maneira.

A localidade que até então era rural, seja quando pertencia às terras do Engenho Cunhaú, ou quando se torna sítio e se desmembra das terras do importante engenho, por volta dos anos 30 do século XIX.

No entanto, esse desmembramento foi apenas o paço inicial de toda trajetória histórica, ambiental e material, já que desde esse período, sua posição “(...) à margem do Rio Curimataú, na orla da estrada ‘realenga’ para o sul. (...)”²¹ tenha motivado sua compra, pois se percebe logo de início, sua localização por demais estratégica, tanto a nível comercial como produtivo.

Esse posicionamento, centrado entre um rio de porte considerável e uma “estrada real” (ou que provinha de um ‘engenho real’), provavelmente passava pelo Engenho Cunhaú (ver mapa 06), facilitava e oferecia opções de transporte.

É certo, porém, a existência de uma via de transporte conhecida por “Caminho de Garstman”²² que partia do Forte dos Reis na direção do Engenho

²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: História, Geografia, e Toponímia do Rio Grande do Norte.** 1968. p. 232.

²² FILHO, Olavo Medeiros. **Roteiro Geral da viagem de Roulo Barox ao país dos Tapuias em 1647.** revista do IHGRN; Vls. IXXIII e LXXIV; 1981-1982.

Cunhaú. Daí se estendia para povoações, já existentes além de Cunhaú, tal qual a aldeia de Pirari que foi registrada em mapa de 1643 (ver mapa 01).

A partir do momento que havia tráfego de pessoas e mercadorias, circulando no sentido norte-sul, entrando e saindo da capitania, as oportunidades de comércio e as transações comerciais entre os transeuntes e moradores da localidade ou entre eles mesmos, aconteciam com muita espontaneidade.

Por sua vez, onde o comércio se faz presente, torna-se natural a circulação monetária e (ou) de bens, atraindo e fixando contingente populacional nos “centros” onde isto acontece, bem como em suas “periferias”.

Tendo em vista a relação centro/periferia, se pode associar também, que no início da vila de Cuitezeiras, esta surgiu [na periferia] em torno de um “centro” de ocupação e produção mais antigo e de maior importância política e econômica, até o final do século XVIII, que foi Cunhaú.

Com efeito, a região “periférica” de Cuitezeiras segue gradativamente usufruindo de seus requisitos positivos, e cada vez mais se aproxima do “centro”, pelo menos em seus aspectos econômicos, até se tornar definitivamente um ponto central, de sua localidade.

Sobre os requisitos que propiciaram desenvolvimento à vila, novamente a idéia que relaciona “centro” e “periferia”, em uma ordem de escalas, pode ser empregada com propriedade na reconstrução do passado humano/material da mesma no espaço do vale do Curimataú.

Foi de vital importância a conjuntura econômica e política nacional de declínio da cana-de-açúcar, afetando principalmente o atual NE, em especial a zona da Mata e Agreste. Gerando um excedente de mão-de-obra na zona canavieira que se direciona para o Agreste, além do grande populacional ocorrido na província em

princípios do século XIX, passando de “70.921 habitantes (no total), em 1820, para 149.072, em 1844.”²³

Ocorre também, o processo de independência do Brasil em relação a Portugal iniciado em 1808, provocando a abertura dos portos brasileiros ao comércio exterior para as nações amigas, (entenda-se Inglaterra).

Por sua vez, no cenário internacional, a Revolução Industrial inglesa, que havia começado no final do século XVIII e espalhava seus desdobramentos para o resto do mundo, estava em plena continuidade no início do século XIX, trazendo consigo uma série de inovações importantes.

Foi através da Revolução Industrial que surgiram as máquinas a vapor, desenvolvendo a nascente indústria têxtil inglesa [que se mecanizava], bem como as ferrovias, que não só melhoravam o transporte de cargas e pessoas, como barateava os custos de do transporte.

Outro acontecimento internacional importante foi a Guerra de Secessão nos Estados Unidos na década de 60 do século XIX, a qual vai dar um novo impulso na produção algodoeira brasileira, da mesma maneira que ocorreu quando da Guerra pela Independência deste mesmo país, em fins do século XVIII.

Com os conflitos, a cotonicultura dos EUA, foi prejudicada, abrindo espaço para o Brasil assumir a primeira posição na lista de produtores/exportadores.

No plano local, a pequena povoação de Cuitezeiras sentia os reflexos positivos de todos esses acontecimentos, aproveitando seus efeitos, com isso fazia sua parte no processo de sua própria configuração, demonstrado pelo desenvolvimento agrícola e comercial que lá se dava.

²³ MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. p. 156.

“No vale do Curimataú, em suas margens e nas terras dos descendentes de Jerônimo de Albuquerque havia uma mata na qual as cuitezeiras predominavam, e de lá o nome retirado quando do povoamento. Esse povoado, vila próspera na agricultura, foi levado por uma cheia do Curimataú (...), levando ao surgimento de nova cidade ‘Vila Nova de Cuitezeiras’.”²⁴

Citações como essa, somadas à forte presença material remanescente da vila de Cuitezeiras, ainda presente na zona rural do atual município de Pedro Velho, na forma de ruínas, corroboram a documentação escrita, cartográfica e material da antiga povoação, incluindo a tradição oral e escrita, presente na memória de antigos moradores do lugar e nos registros de alguns memorialistas locais.

Temos como um bom exemplo disso, o trabalho desenvolvido pelo Sr. Jaldemar Nunes (conhecido por Jajau), com mais de 70 anos de idade, sargento aposentado da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, que mora ao lado dos restos matérias da igreja de Santa Rita e do cemitério contíguo.

— Ele que faz questão de cuidar [gratuitamente] do patrimônio, resgatar e preservar a memória do local seja ele material ou imaterial que persiste fisicamente no espaço ou nas lembranças de moradores da região.

O curioso é que esse cidadão nem mesmo é natural de Pedro Velho, mas do município de Florânia – RN, apesar de estar radicado há muitos anos em Pedro Velho.

²⁴ DANTAS, Manoel. **Denominações dos Municípios**. Coleção Mossoroense. série B; nº. 607. 1989. p. 17.

“Jajau, natural de Florânia, chegou em Pedro Velho recém nascido. O amor pelas terras onde cresceu ele não esconde de ninguém. Já mandou até construir a própria sepultura nos fundos da antiga igreja de Santa Rita para nunca mais ter que deixar o lugar. (...) ‘ Tudo que se passa em Pedro Velho tenho o hábito de escrever’ “. ²⁵

Nos relatos dessas pessoas, são comuns as referências a respeito da “grandiosidade” da vila. Referem-se a uma grande igreja matriz, capela e cruzeiro; prédio da Intendência com Câmara e Cadeia; engenhos, currais de gado, e descaroadores de algodão, entre outras coisas.

Subtraindo os exageros que permeiam esse tipo de registro, pode-se confirmar com absoluta exatidão a existência de uma Igreja Matriz e Capela de Santa Rita, o cemitério, e o cruzeiro, que podem ser visualizados e identificados facilmente em uma simples prospecção de superfície.

Quando prospectados individualmente, cada construção apresenta características materiais que remetem a prosperidade e a opulência da comunidade local, pois são em média construções de um bom porte arquitetônico contando com inclusive com estruturas de alvenaria e outros materiais construtivos nobres. Um bom exemplo disso seria a igreja matriz de Santa Rita.

Esta preserva o seu pórtico frontal, as paredes laterais com seus pórticos laterais, altar-mor, nichos na parede interna (atrás do altar) e laterais, e algumas linhas de madeira da cobertura e piso cerâmico (tijoleiras).

²⁵ PORPINO, Gustavo. **Pedro Velho**. In: Revista Preá. Mar./ Abr.. ; nº. 11. 2005. p. 65.

No pórtico frontal e no altar-mor e nas paredes laterais, ainda é possível ver gravuras em alto-relevo na forma de arabesco, que serviam para embelezar a data da própria fundação bem ao centro do pórtico frontal. *1862?*

Há, portanto, mais um indício que considero por demais importantes, é a data de fundação da igreja que permanece visível, indicando o ano de 1862. Isto permite deduzir com segurança que as construções de maior vulto, foram realizadas após 1850, data que marca a forte expansão algodoeira.

Esses elementos da Cultura Material que constituem diretamente o sítio arqueológico da vila de Cuitezeiras estão localizados em plena planície fluvial, na paisagem atual, denominada: "Vargem da Boiada" que é cortada pela "Estrada da Boiada" (chamada por mim de Estrada das Cuitezeiras), demonstrando mais uma vez, na sua toponímica a relação clara com o espaço.

Portanto, próximo aos sítios arqueológico da vila de Cuitezeiras, há outro conjunto de sítios, também formado por uma igreja [de Santana], engenho e cemitério, se encontram na outra margem do Curimatáu (margem direita) em um plano mais elevado, mesmo assim muito próximo ao rio.

Nesse outro sítio, pelo mal estado de conservação das estruturas, e pela prospecção [de superfície] que foi realizada, não foi possível identificar maiores detalhes, as construções preservam em sua maioria, apenas suas estruturas baixas.

A exceção é a igreja de Santana, fundada em 1891, com data também visível no seu pórtico frontal.

Na verdade, o que se observa naquele ponto do vale do Curimatáu é um complexo arqueológico constituído por dois grupos de construções situados um em cada margem do rio, que se interligavam pela antiga "Estrada das Cuitezeiras", ou por uma via secundária de acesso, formando um legítimo "corredor", no qual

transitavam pessoas e produtos, e com elas valores, que proporcionavam rica produção material.

Na constituição espacial da atualidade, tendo em vista as modificações espaciais que se deram com o passar do tempo, foi possível perceber no território municipal de Pedro Velho, principalmente no entorno dos sítios arqueológicos os resquícios dessas antigas estradas e caminhos, muitas delas renomeadas e (ou) redimensionadas no espaço contemporâneo.

Porém, não é provável que a trajetória original da estrada principal nem das eventuais vias secundárias, terciárias e etc., possam ser encontradas *na* integralmente no espaço. O certo é que a povoação de Cuitezeiras continuou com seu desenvolvimento econômico e material nas décadas que se seguiram a 1860.

Inclusive, mudando o eixo dessas realizações materiais prediais como no período imediatamente posterior a 1850, para realizações materiais estruturais, atraindo inclusive este tipo de desenvolvimento para seu território.

O destaque desse tipo de empreendimento ficou por conta da ferrovia Great Western que passava pelas terras das Cuitezeiras, mesmo não alcançando a sede da povoado.

“A estrada de ferro Great Western não seguiu na sua construção as vias de penetração, atravessava o sul do estado do RN (Natal - Nova Cruz) pela vizinhança da costa.”²⁶

As construções prediais de porte, só foram retomadas suas feições após sua oficialização da povoação em vila, por decreto do governo provisório o Sr. Joaquim

²⁶ DANTAS, Manoel. *O Rio Grande do Norte*. Coleção Mossoroense. série C; v. CDLX. 1989. p. 49.

Xavier da Silveira, a 10 de maio de 1890, que mesmo assim ainda deixava a vila circunscrita a jurisdição de Canguaretema.

Realizações, que muito embora possam contrariar historicamente a memória do município na sua cronologia, como no caso da construção da Intendência, cadeia, mercado e quartel e cemitério fora dos limites eclesiástico,² que só vieram mesmo após a oficialização.

Por fim, o meio natural que tanto colaborou para configurar e desenvolver o espaço humano, principalmente em sua paisagem histórica/material, agiu no sentido inverso quando o rio Curimataú se fez tipicamente agrestino e “desceu” com uma cheia de gigantescas proporções.

O aumento no nível e a foça^o das águas foi tão violento que arrastou tudo pelo caminho, arrasando a vila, suas imediações e tudo mais que estivesse ao seu alcance. Destruindo as casas, as criações, os plantios, só não fez vítimas humanas.

Depois da tragédia, a vila transportou-se e foi reconstruída em lugar mais afastado do rio em um ponto pouco mais elevado. Por conseguinte próximo a estrada férrea, que provavelmente foi o principal atrativo para a escolha do novo espaço, tornando se Vila Nova de Cuitezeiras e mais tarde, Pedro Velho, como permanece até esta data.

Anexos

Mapa 01:

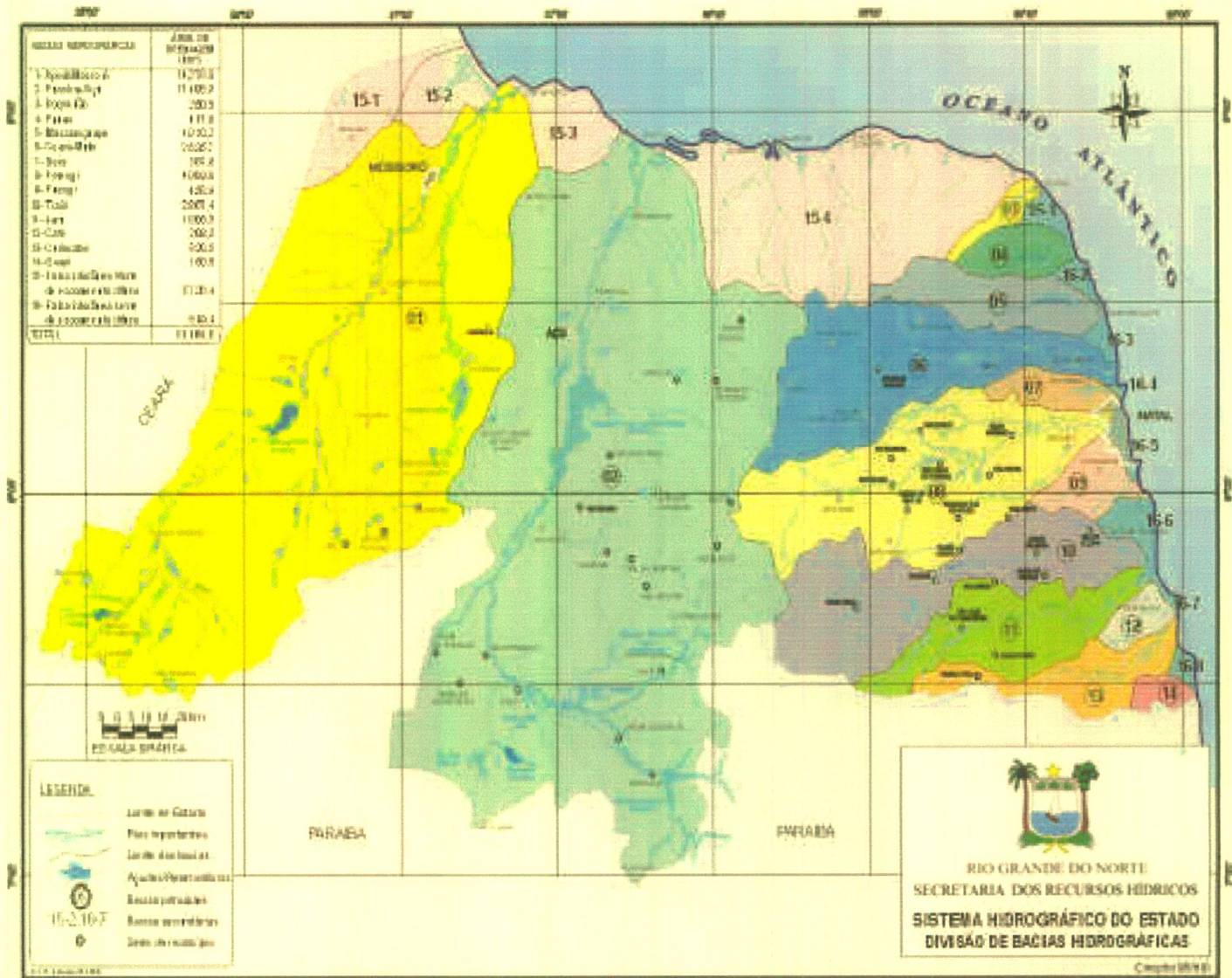
Praefecturae de Paraíba, ET Rio Grande (1643)



capitania do Rio Grande, contornado em vermelho, com destaque para as legendas "l" e "m" que identificam respectivamente (Rio Curimatú), Baía Formosa mais ao sul e Região próxima a Cunhaú, na qual se encontrava currais, algumas casas esparsas e uma aldeia (Pirari). Além disso, é possível perceber linhas tracejadas por todo o mapa, as quais demonstram caminhos antigos da Capitania do Rio Grande. (Fonte: *Atlas Histórico do Rio Grande do Norte. A polêmica presença holandesa. Fasc. 04.*)

Mapas 02:

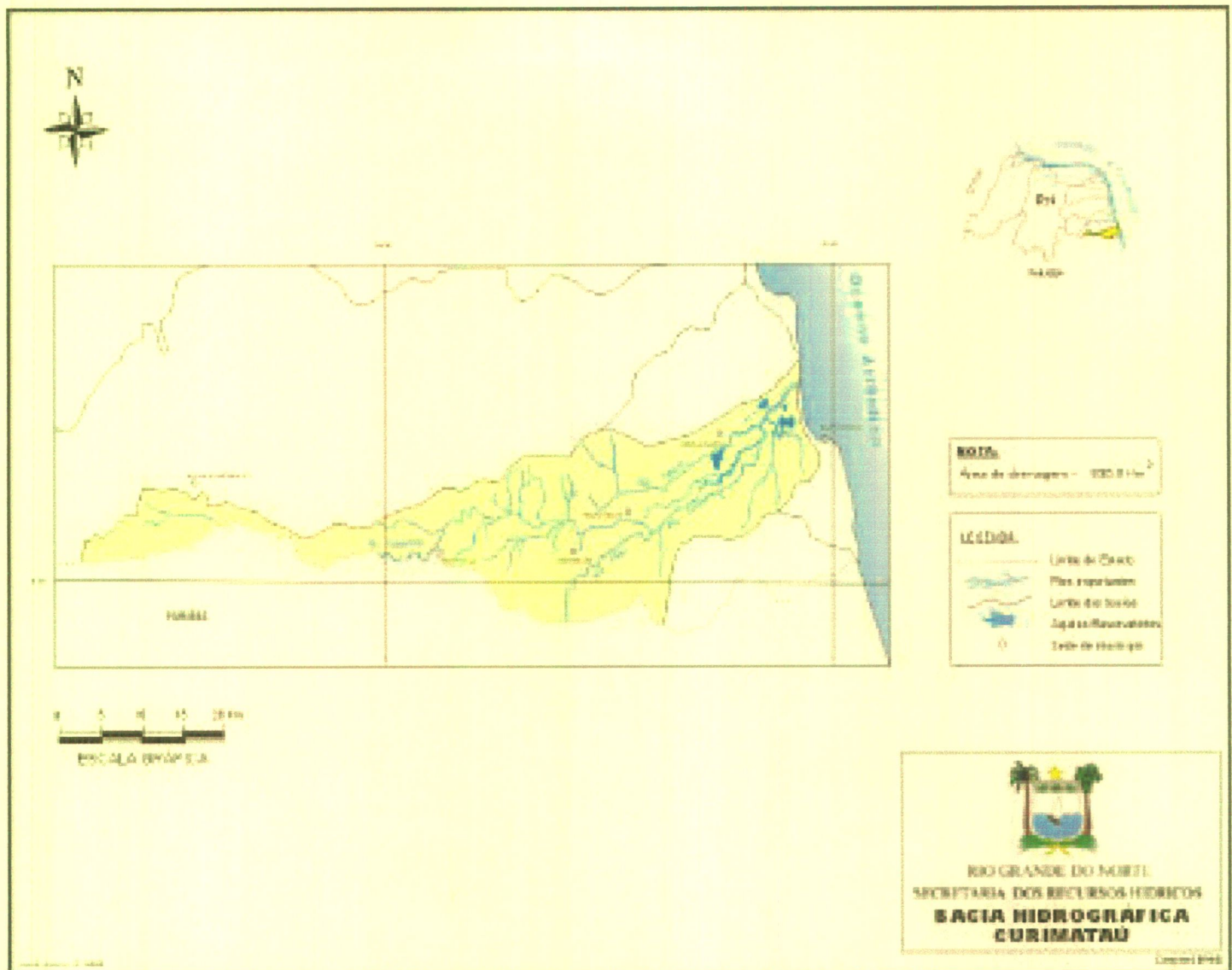
Bacias Hidrográficas



Bacias hidrográficas do Rio Grande do Norte, inclusiva a do Curimataú, destacado em cor laranja. (Fonte: Secretaria de Recursos Hídricos do Rio Grande do Norte)

Mapa 03:

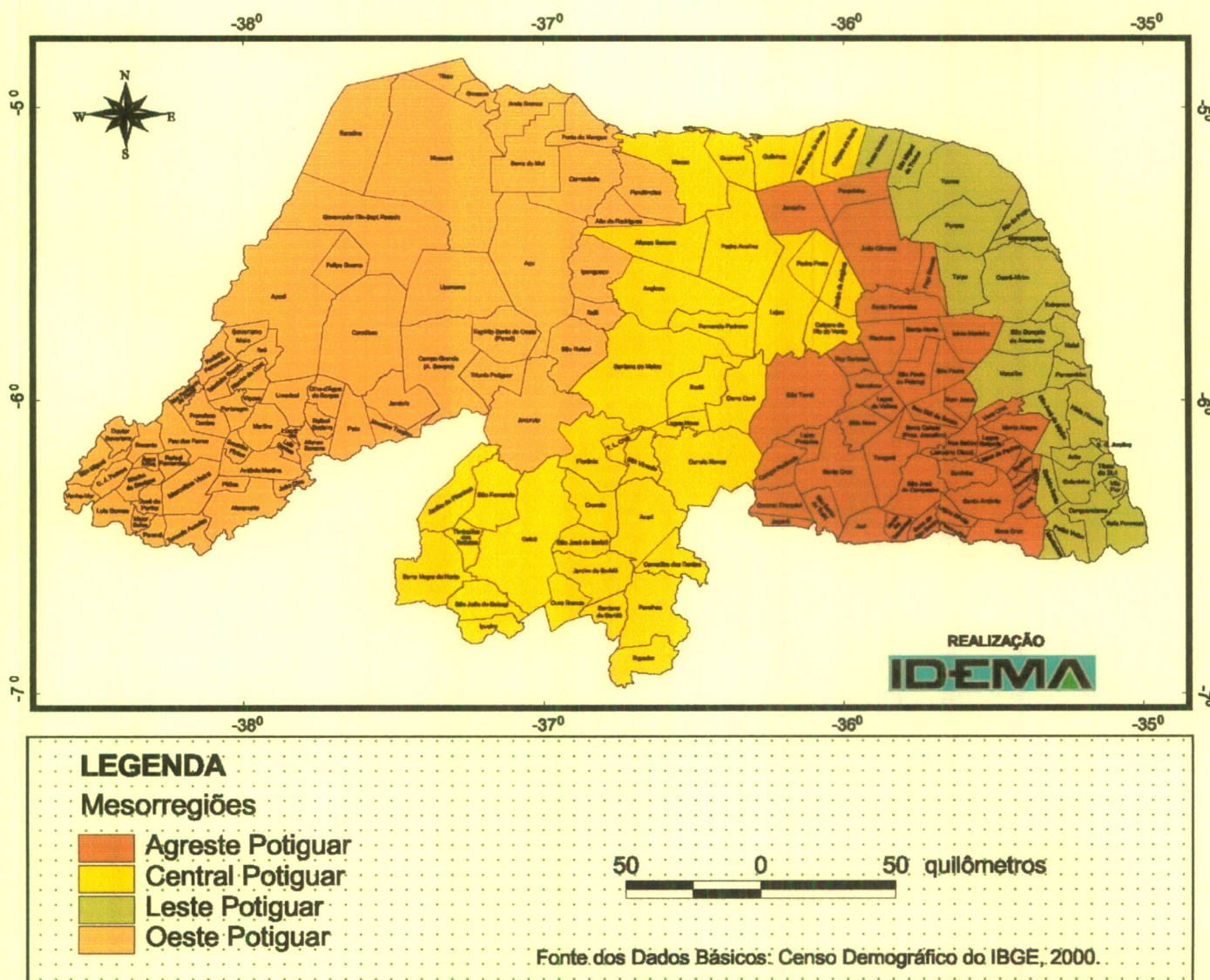
Bacia Curimataú



cia do Curimataú em destaque. (Fonte: Secretaria de Recursos Hídricos do Rio Grande do Norte).

Mapa 04:

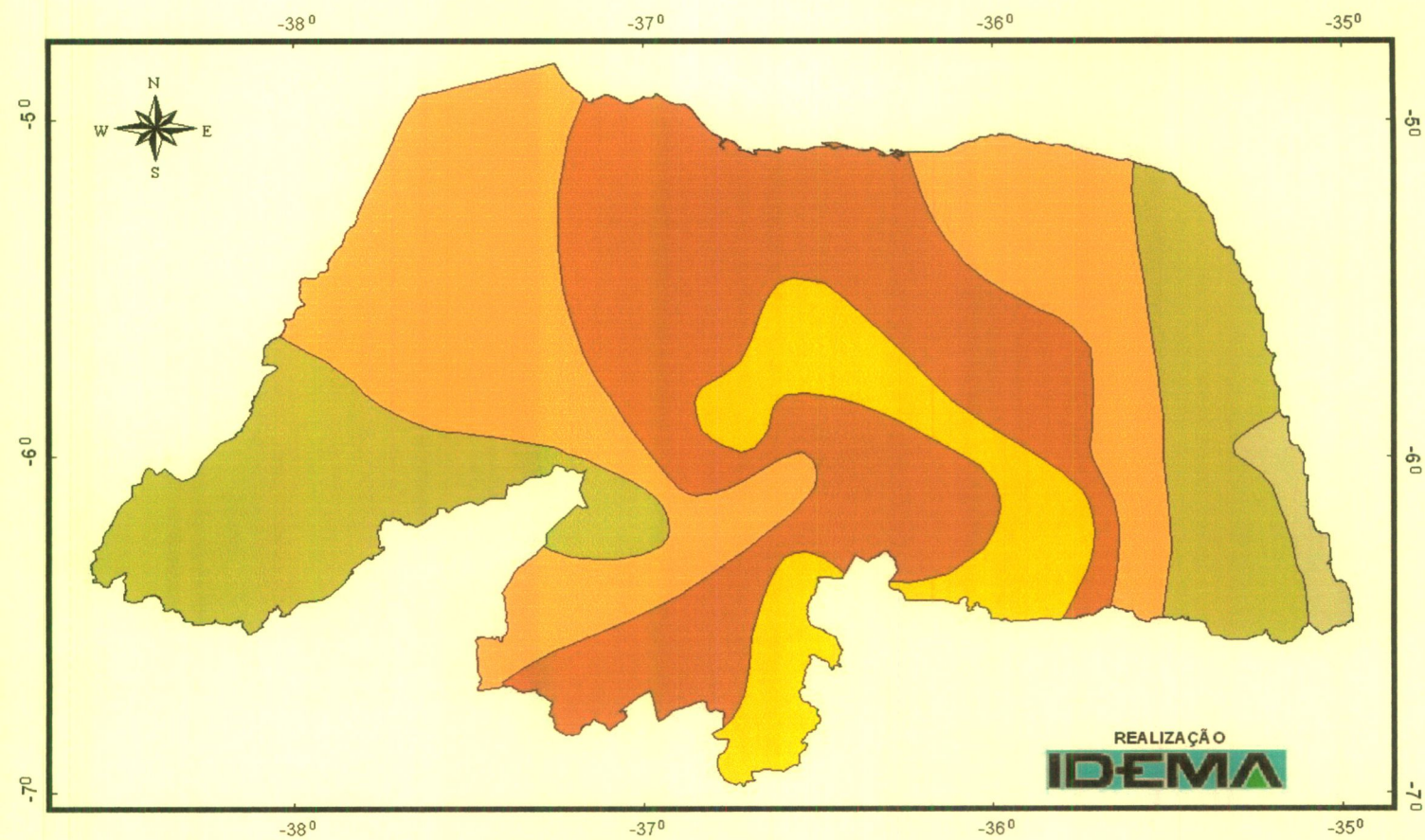
Municípios e Mesorregiões identificadas pelo IBGE-2002



O atual município de Pedro Velho - RN localiza-se na parte mais ao sul (terceiro município da direita para esquerda) da mesorregião *Leste Potiguar*, fronteiro à mesorregião *Agreste Potiguar*.

Mapa 05:

Unidades Climatológicas



LEGENDA

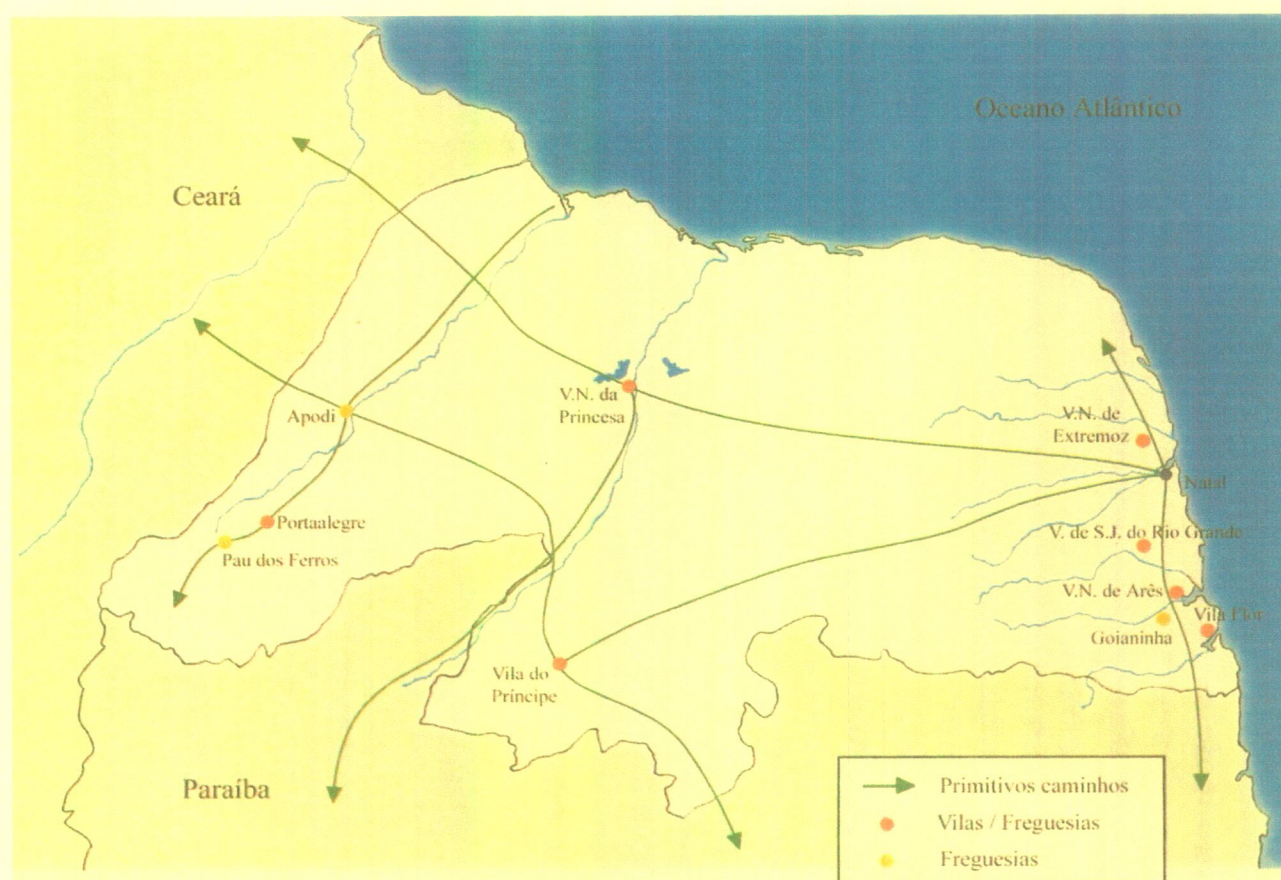
- Semi-árido
- Semi-árido rigoroso
- Sub-úmido
- Sub-úmido seco
- Úmido

50 0 50 quilômetros

Mapa demonstrativo das regiões climáticas no território do Rio Grande do Norte.

Mapa 06:

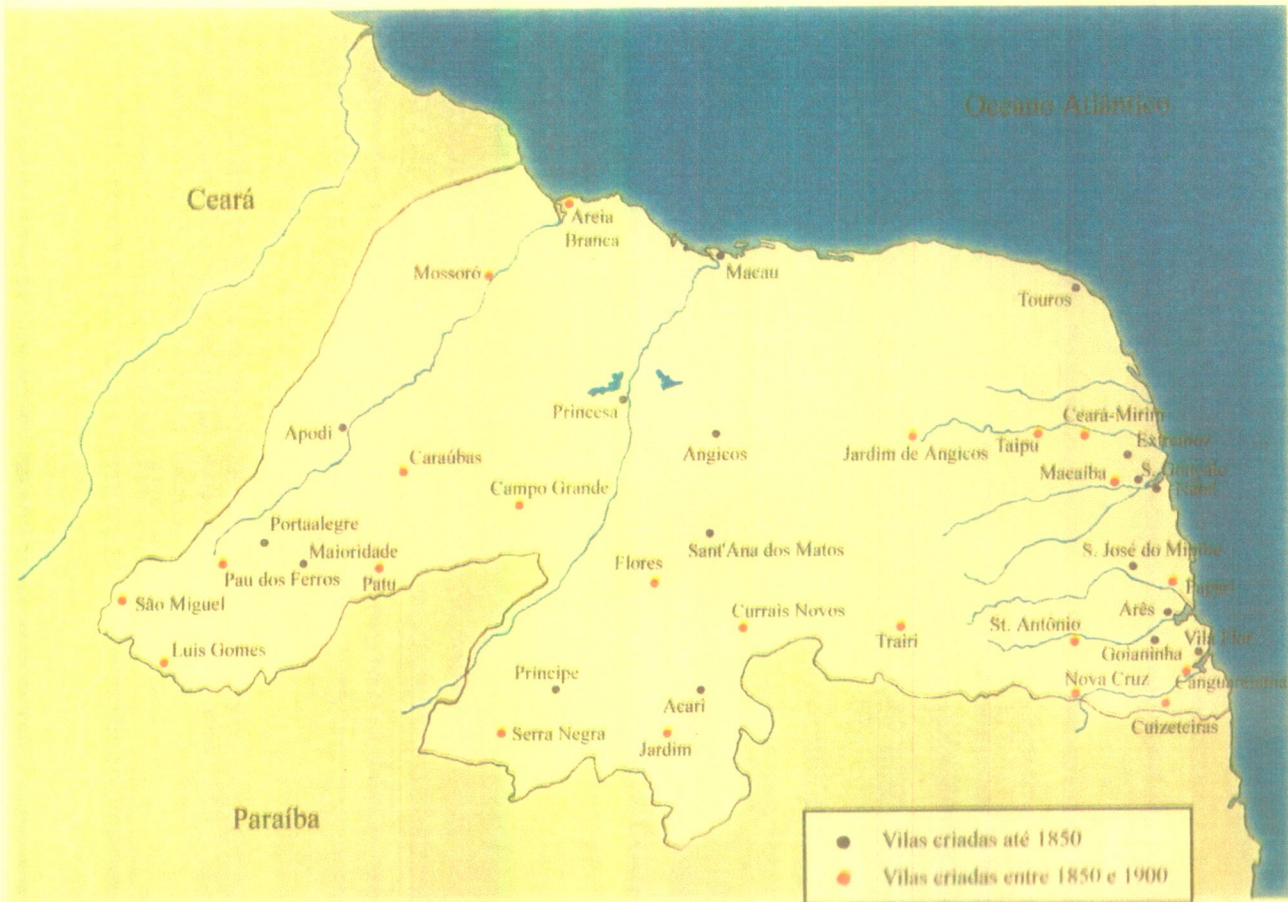
Capitania do Rio Grande no século VXIII



Trajetória dos antigos caminhos da capitania do Rio Grande e suas respectivas vilas e freguesias no (Fonte: MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Fig. 18 p. 106.)

Mapa 07:

Vilas da Província do Rio Grande do Norte ao longo do século XIX



Destaque para a vila de Cuitezeiras, legendada em vermelho e localizada no extremo sudeste da Província. (Fonte: MONTEIRO, Denise Mattos. fig. 30; p. 174.)

Conclusão

Na configuração dos espaços, seja ele natural, humano ou de qualquer outro tipo, inúmeros fatores influenciam na sua constituição e emolduração, logo, existem elementos que são fundamentais, como o tempo e o meio no qual se configura o novo espaço.

Para o contexto da vila antiga Cuitezeiras, pelos menos, esses dois elementos foram primordiais, sendo o tempo, os acontecimentos históricos, o elemento que permitia as mudanças e rupturas. Isto condicionado a um lugar definido na paisagem, o espaço da ribeira do Cunhaú.

Assim sendo, a passagem do tempo trazia, através da presença humana e seu legado, as novas variáveis que interagiam constantemente na paisagem de uma forma mais ou menos indefinida, portanto, direcionada pelas mudanças anteriores.

Fazendo com que o espaço da ocupação humana seja constantemente reformulado, o qual tem a capacidade de refletir para seus próprios ocupantes as transformações ininterruptas que por sua vez retornam para o espaço e assim por diante.

Desse modo, se recortarmos uma faixa de tempo e do espaço, consegue-se contornar e identificar um “produto” da relação tempo/espaço, parcialmente acabado, a Vila de Cuitezeiras.

Também se torna possível, rastrear os paços dados por ele, através das marcas históricas e matérias deixadas para traz.

Por fim, tem-se uma área em seu estado natural que se transmuta em espaço humano, durante um longo processo, o qual deixou gravado na planície do rio Curimataú, os restos de duas estradas e de uma vila.

Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. **Caminhos Antigos e povoamento do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Coleção Reconquista do Brasil. 2. v. 119.)

_____. **Capítulos de História Colonial 1500-1800**. 7º ed., Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Coleção Reconquista do Brasil. 2. v. 119.)

ANDRADE, Manoel Correia de. **A Terra e o Homem do Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. - 7º. ed. rev. e aumentada; São Paulo. Ed. Cortez, 2005.

ATLAS HISTORICO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Interpretando a Cartografia: O Visível e o Invisível**. Fasc. 01; Natal, Maio. 2006.

_____. Op. cit. **Rio Grande do Norte antes do primeiro mapa: A Cartografia Inaugural** Fasc. 02; Natal, Maio, 2006.

_____. Op. cit. **A Importância do Rio Grande para os portugueses: Um Primeiro Olhar**.

Fasc. 03; Natal, Maio, 2006.

_____. Op. cit. **A polêmica presença holandesa: Além da Nova Amsterdam**. Fasc. 04; Natal, Maio, 2006.

_____. Op. cit. **Visões dos holandeses sobre o Rio Grande: De Volta à Cidade do Natal**. Fasc. 05; Natal, Maio, 2006.

_____. Op. cit. **A “Guerra dos Bárbaros” e o sertão do Rio Grande**”. Fasc. 06; Natal, Maio, 2006.

CALMON, Pedro. **História da Civilização Brasileira**. Brasília: Senado Federal, conselho Editorial, 2002.p.332- (Coleção Biblioteca Básica Brasileira)

CARVALHO, Marcos de. **O que é Natureza**; São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003. (Coleção primeiros passos; 243.).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: História, Toponímia e Geografia Do Rio Grande do Norte**; Fundação José Augusto, 1968.

DANTAS, Manoel. **Denominações do Rio Grande do Norte**. Coleção Mossoroense. série B; nº. 607. 1989.

_____. **O Rio Grande do Norte**. Coleção Mossoroense. Série C; nº. CDLX. 1989.

DRUMMOND, José Augusto. **História Ambiental: temas, fontes, e linhas de pesquisa**. In: Estudos Históricos; Rio de Janeiro, v.4 nº. 8, 1991.

FILHO, Olavo Medeiros. **Roteiro Geral da Viagem de Roulox Barox ao país dos Tapuias em 1647**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Vls. LXXIII-LXXIV, 1981-1982.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do homem do Nordeste Brasil**. 7º ed. rev. São Paulo; Ed. Global, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2003

_____. **Teoria e método na Arqueologia Contemporânea: O contexto da Arqueologia Histórica**. In: Mneme: revista de humanidades. Dossiê Arqueologia Brasileira, v.6, nº. 13, dez. 2004/jan.2005. Disponível em: <http://www.seol.combr/mneme>.

KOSIK, Karel. **Dialética do Conceito**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1986.

KOSTER, Henry (1793-1820). **Viagem ao Nordeste do Brasil**. Tradução, Prefácio e Comentários de Luís da Câmara Cascudo. 12º ed. Rio de Janeiro – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003. v. 1.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Ed. Cortez, 2006. (Coleção questões de nossa época; v. 130).

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 2º ed. rev. Natal: Cooperativa cultural, 2002.

PORPINO, Gustavo. **Pedro Velho**. PREÁ: Revista Cultural. Fundação José Augusto; Natal. nº. 11, Março/Abri, 2005.

ROSADO, Vingt-um. **Os Holandeses nas Salinas do Rio Mossoró**. v. CCCXXXIII. 1987. (Coleção Mossoroense)

SILVA, Roberto Airon. **Das Antiguidades Americanas: arqueologia e relato dos viajantes naturalistas no Nordeste do Brasil – séculos XVIII e XIX**. In: Mneme: revista de humanidades. Dossiê Arqueologia Brasileira, v.6, nº. 13, dez. 2004/jan.2005. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme>.